

# Prefácio

O que as ciências sociais estudam é o mundo das relações sociais, o mundo em que os sujeitos orientam os seus comportamentos em relação uns com os outros, o mundo que é gerado e gerador da acção, livre ou não, de indivíduos que dão um sentido às suas acções com base em certos valores pessoais ou colectivos e enquadrados por organizações e instituições por eles próprios criadas. Por isso, o mundo social é completamente avesso ao tipo de explicação linear, ao determinismo universal e único, obrigando ao acolhimento do contraditório, na forma das tensões e dos conflitos, não se podendo deixar de prestar atenção aos valores e objectivos que os sujeitos pretendem atingir.

Do lado da perscrutação da causalidade, o mundo social compele, portanto, à procura da pluralidade das causas, da causalidade irregular, das correspondências por afinidade, à humildade de aceitar o inexplicável devido à imprevisibilidade, ao aleatório e ao accidental. E do lado da averiguação do sentido dado pelos sujeitos à sua acção impõe-se a compreensão, compreensão esta que é o acto do pensamento que tenta deslindar as interpretações, os significados dados às actividades empreendidas.

Embora o conhecimento científico social não seja um exercício de metafísica, ele não só implica uma qualquer referência a uma perspectiva metafísica, a uma visão do mundo, como tem mesmo de sondar as perspectivas metafísicas e as visões do mundo. Para compreender, as ciências sociais têm de aventurar-se à compreensão, sabendo que não compreenderão tudo. Necessitam de assumir

uma disposição subjectiva para uma objectividade inalcançável, isto é, uma disposição que rejeita resolver problemas através de pressupostos que contentam a ideologia do investigador ou os dogmas vigentes, antes procuram soluções, «verdades», sempre provisórias, respostas que são novos problemas.

Por tudo o que se disse, compreende-se que a literatura seja um campo de observação fecundo para as ciências sociais, seja pelas suas implicações epistemológicas, seja pelos valores sociais que nela estão incorporados, seja ainda pelas visões do mundo com que a ficção impregna a sociedade. Foi este, na minha leitura, o caminho exigente que a investigação publicada no presente livro teve de percorrer. Trata-se de um esforço de conhecer no quadro do enredo entre a ficção literária e a sociedade, estando em jogo as ciências sociais e as ideologias, os acordos e os desacordos com valores e objectivos.

Em *Angola Imaginada: Nação, Guerra e Utopia na Ficção de Pepetela (1971-1996)*, deparamo-nos, então, com o cruzamento entre literatura e sociedade enquanto pressuposto. É um trabalho no âmbito das possíveis correspondências entre a trama literária e o político, indagando como o trabalho literário é infundido pelo político, e como o político é infundido pela literatura. Há, depois, o labor de captar os símbolos, as imagens, os mitos e as crenças, enquanto veículos de poderes anímicos e de efervescências, neste caso a paixão pela nação que toma forma no momento em que está a ser constituída. Pouco importa que seja do domínio da comunidade ainda apenas imaginada, sendo certo que o é sempre, porque aquilo que é imaginado nos pode precisamente dominar sem clemência.

O livro de Alexandra Santos é pois algo como uma mitoanálise, elaborada com recursos da história, das ciências sociais e da filosofia política, procurando na obra literária de Pepetela mais do que o autor queria dizer, e certamente distanciando-se do que ele disse. Porque todas as palavras que ficaram fixadas pela escrita estão sujeitas a ser lidas para além do que o seu autor pretendeu, se é que o pretendeu. E assim ocorrerá também com este livro, para isso carecendo apenas de todos os leitores que ele bem merece.

*José Luís Garcia*